

Crónicas... do 1ºciclo

No teatro com o Príncipezinho...

Dia 29 de outubro. Nove horas em ponto! O autocarro já esperava junto à escola. Entrámos e lá fomos diretos para o Cine Teatro Garrett. Íamos ver “O príncipezinho com orquestra”.

A viagem foi rápida! Mas deu para revermos algumas paisagens já conhecidas e o mar! Sim o mar, o nosso mar, o mar da Póvoa. “Que lindo, olhem só! Esta cidade com este mar é maravilhosa!” disse uma professora, a nova professora que está na escola este ano. O autocarro deixou-nos na Avenida Mouzinho de Albuquerque e voltou para apanhar os restantes alunos. É que só havia um autocarro e os alunos não cabiam todos, de uma só vez, no mesmo veículo! Havia que fazer duas viagens!

De mochila e ou lancheira às costas ou ombro, atravessámos as galerias. E não é que as lojas já estavam decoradas para o Natal!? Ficamos com o olhar preso ao pinheiro de Natal, às renas e outros enfeites natalícios? “Professora, não entendo uma coisa. Como é que o Pai Natal voa? É que as renas que puxam os trenós não voam!!!” perguntou uma menina, observando maravilhada duas gigantescas renas que ocupavam um lugar bem central na vitrina da loja. “E o pai Natal voa?” perguntei. “Sim, não sabias? Ele tem magia” ... Retorqui apenas um simples “Ah!” e foi o suficiente pois, já a menina olhava para outra montra, esquecendo completamente o voo do Pai Natal (ou não!).

Sáímos das galerias e logo ali estava o teatro. Era cedo e não podíamos entrar. O que fazer? Nas redondezas ficava a rua da Junqueira... mas por uma frincha de uma rua ali perto, a nova professora percebeu que seguindo esse rumo iríamos ter ao mar. “Vamos por aquela rua, vai dar ao mar, não vai?” E lá fomos... o mar azul e calmo parecia olhar-nos, imponente, majestoso... e nós estávamos cheios de orgulho, o nosso mar!

Aproveitando a tranquilidade da manhã e o sol tímido mas aconchegante, sentamo-nos no muro da praia. Logo alguns meninos enterraram as mãos na areia deixando que esta escorregasse por entre os dedos, uma vez, duas vezes... sentiam a macieza dos grãos que àquela hora da manhã estavam com uma temperatura amena e bem dourados pelos reflexos do sol.

“Meninos, vamos lanchar!” E cada um tirou da sua mochila / lancheira um pão, uma peça de fruta, um iogurte...



Eis que se aproximaram umas gaivotas muito atrevidas. Uma, pousada no cimo do poste de luz, observava os movimentos das crianças, sempre muito quieta, atenta, e nem a algazarra que se instalou a amedrontava. “Quer comida”, disse uma menina. “Em França, é proibido dar comida às gaivotas”, disse um aluno do 4º ano. “Então, sabem porquê?”, perguntei. O mesmo aluno, assumindo uma pose de sabichão, explicou que as gaivotas poderiam perder os seus hábitos alimentares e causar danos na cidade, roubando comida e até atacando as pessoas. Todos ouviram atentos, olhando-me de vez em quando, em busca de sinais de aprovação da explicação que ia sendo dada. “É bom aprendermos uns com os outros, todos temos alguma coisa para acrescentar ou dar”, disse eu.

O sol convidava a estar ali por mais tempo, mas era preciso regressar ao teatro. Arrumadas as mochilas / lancheiras, inspecionado o local para não deixarmos qualquer vestígio de comida e ou resíduos de papéis ou outros objetos, atravessamos a estrada. Seguimos em frente, mas desta vez foi a vez do “Cego do Maio” de nos atrair. “Professora que estátua é aquela?”, perguntou um dos meninos puxando-me o casaco. “Então, não sabem?”, e ouviu-se um coro sonante, “Não!”. Expliquei que se tratava de uma homenagem a um herói poveiro, um homem que muitas vezes arriscou a vida para salvar os pescadores. Imediatamente um grupo de alunos tentou abraçar a estátua, ouvindo-se, “o nosso herói, o nosso herói”.



Voltamos ao nosso rumo e chegámos ao Cine Teatro. Inúmeras crianças aguardavam à porta. “Agrupamento de Aver-o-Mar, pode entrar!”, disse uma das supervisoras.



“Somos os primeiros, a entrar, uau!”, ouviu-se entre a criançada!

Mas se há situações em que ser os primeiros é bom, outras há em que não é bem assim! E efetivamente, ser os primeiros significou para grande parte dos alunos ficar colado ao palco, o que iria limitar a visão global do cenário e das cenas.

Apesar das reclamações e dos amuos de alguns alunos - “Vamos dormir! Eu não vou conseguir ver nada!” - tivemos que nos sujeitar àqueles lugares. O teatro estava repleto e nada havia a fazer, senão tentar perceber o que fazer para precaver uma situação similar, numa próxima visita ao teatro.

A sala escureceu. Os atores entraram em cena. E ali estava o príncipezinho!



O príncipezinho

“Este príncipe tinha cabelos loiros a brilhar com as estrelas à noite, tal como no cenário. Apresentava estatura normal e era magro. A sua voz era doce e entrava nos nossos corações. Vestia um casaco azul com bordados de ouro na gola e mangas de cor vermelha. Calçava umas botas pretas, um pouco acima dos tornozelos.

Parecia ser uma pessoa bondosa porque se importava sempre com a sua flor, uma rosa, que tinha deixado para trás no seu planeta. Era brincalhão e ria-se por tudo e por nada, ria-se do que diziam os outros. Também era muito curioso, estando sempre a querer saber o significado das palavras e das “coisas” dos outros planetas por onde passava.

Este príncipe sacrificou-se pela sua flor que era muito especial para ele e, por isso, ele percebeu que foi “cativado”. E também nós ficamos “cativados” por este príncipe!

(Mariana e Marco, 3º ano)

A história inicia-se no deserto de Sahara onde o piloto conhece o príncipezinho. Este pede-lhe para desenhar uma ovelha que coma a erva do seu planeta de modo a que a sua flor não morresse sufocada. O piloto desenhou uma, desenhou outra e mais outra...

“O que eu mais gostei no teatro foi quando o príncipezinho foi ter com o aviador e lhe pediu para que desenhasse uma ovelha. Eu gostei dessa parte, porque o príncipezinho estava sempre a mandar o aviador desenhar novamente a ovelha pois achava que estava mal feita. Ele só gostou quando o aviador desenhou uma caixa vazia e disse que a ovelha estava lá dentro! (Leonardo Especial, 4º ano)



O piloto desenha a ovelha

E é então que começa uma linda história em que o Príncipezinho nos fala das suas origens e da viagem que encetou conhecendo vários planetas e personagens.

O Príncipezinho passou por sete planetas. O primeiro foi o 325, habitado por um rei que lá vivia sozinho.

“Eu achei interessante o planeta do rei porque não se pode mandar nos outros! Micael 4º ano e muito menos se não tiver ninguém para mandar!

Gostei do planeta do rei “mandão”, mal-humorado e autoritário...

Eduardo



No planeta do rei absoluto

O príncipezinho não gostou nada desta personagem porque era um monarca absoluto e só gostava de dar ordens

O 2º planeta era habitado por um vaidoso

“Achei interessante o planeta do vaidoso porque ele era o único que estava lá, e, podia ser lindo por fora mas era feio por dentro, pois achava-se o melhor.”

Micael

“Gostei do vaidoso porque se achava o mais bonito do planeta, mas ele era o único que morava lá!”

Gonçalo

O Príncipezinho ficou pouco tempo neste planeta pois, rapidamente, se aborreceu com a constante necessidade que o habitante tinha de ser aplaudido e admirado. Este vaidoso não respondia a perguntas e só queria receber elogios.

O 3º planeta era habitado por um bêbado.

*“Gostei do bêbado porque bebia para esquecer que bebia”, **Gonçalo***

A primeira coisa que me tocou o coração foi quando o príncipezinho foi ao terceiro planeta e nesse planeta falava de um bêbado, eu percebi que o bêbado bebia para esquecer, mas isso não resolve problemas!

Percebi que não se vê bem com os olhos, mas sim com o coração!

Tiago



No planeta do bêbado...

Sozinho, a única companhia que tinha era a bebida. Uma vez mais, o Príncipezinho segue viagem, deixando para trás o bêbado entregue ao seu vício.

No 4º planeta, havia um contabilista que não tinha tempo para conversa só pensava em guardar e contar dinheiro.

*“...Na parte em que o contabilista só pensa em dinheiro, para estar guardado numa gaveta, foi para explicar que não adianta ter dinheiro se não se usufruir dele...” **(Dinis Seara)***



No planeta do contabilista...

O principezinho decidiu partir outra vez porque afinal este homem de negócios só queria ser rico e guardar dinheiro nua gaveta.

*A meu ver o empresário só pensava em dinheiro, mas o dinheiro não é tudo na vida, é mais importante ter saúde, amigos, estudar, ter um lar para morar, isso é bom para a nossa vida melhorar!
Mas os adultos não sabem que as crianças não são tão esquisitas como eles!***Leonardo Leitão**

O 5º planeta era habitado por um acendedor do único lampião que ocupava aquele minúsculo mundo.



No planeta do lampião...

“Gostei do planeta do candeeiro que acendia e apagava constantemente...” **Eduardo**

Também gostei do planeta onde havia o acendedor do lampião porque um dia durava apenas um minuto e se morássemos nesse planeta só tínhamos um minuto de escola! **Gonçalo**

Este habitante era responsável por cumprir um regulamento: ali, os minutos eram dias e a cada sessenta segundos, devia apagar e acender o lampião. O Príncipezinho simpatizou muito com este habitante, no entanto, o seu mundo era pequeno demais e não havia espaço para dois.

O 6º planeta era o maior de todos e era habitado por um geógrafo.



“Gostei do planeta do geógrafo que lia muito, que sabia coisas dos livros... mas nunca tinha visto o mar!” **Eduardo**

A função deste geógrafo era registrar as descrições feitas por exploradores. Apesar da sua função, este habitante não sabia dizer quantos oceanos, rios ou vulcões havia no seu planeta. Mas é graças às suas indicações que o Príncipezinho chega ao planeta Terra.

E foi no planeta Terra que o Príncipezinho conheceu o aviador, a serpente e a raposa.



Na Terra, o Príncipezinho conheceu a raposa...

“Adorei quando o príncipezinho viajava para outros planetas que visitava. Mas a coisa que eu mais gostei foi quando a raposa cativou o príncipezinho.”

Eduardo

“O fim foi lindo porque a raposa falou do significado de criar laços entre as pessoas.” **Daniela.**

E lá estava a serpente... “E então baixei os olhos para o pé do muro, e dei um salto! Lá estava, erguida para o príncipezinho uma dessas serpentes amarelas que nos liquidam num minuto... (...) Dei água ao príncipezinho (...) olhou-me gravemente e passou os bracinhos no meu pescoço. Sentia-lhe o coração bater de encontro ao meu, como o de um pássaro que morre atingido pela carabina”.



“Na minha opinião o teatro foi divertido! Gostei do cenário, parecia mágico, e sobretudo do piano a acompanhar. A parte que mais gostei foi quando o príncipezinho chegou aos planetas: do bêbado, do vaidoso e do empresário.

A meu ver, foi bom ver esta peça porque aprendi que cativar a amizade é muito importante.

Maria Ferreira

“Na minha opinião o teatro foi muito giro, as minhas partes favoritas foram: quando o príncipezinho andou de planeta em planeta, porque achei engraçado o efeito do pano, quando ele encontrou a raposa e quando ele pediu para o senhor lhe fazer uma ovelha na folha de papel. Apreciei o senhor que estava a tocar piano.

Os meus planetas preferidos foram: o planeta do vaidoso, o planeta do bêbado e o planeta do acendedor do lampião.

*A meu ver foi bom ver esta peça, porque aprendemos a dar valor às coisas mais importantes para a nossa vida: a amizade, o amor...”***Rita Macedo**

“Na minha opinião a história do príncipezinho é muito sentida! A parte em que o aviador caiu e estava a arranjar o seu avião foi para explicar que a pressa não adianta de nada... na parte em que o contabilista só pensa em dinheiro, para estar guardado numa gaveta, foi para explicar que não adianta ter dinheiro se não se usufruir dele... o vaidoso achava-se o mais belo do planeta e só pensava em si, mas tal não é o mais importante! **Dinis Seara**

“Gostei da parte do vaidoso que se achava o mais bonito e rico do planeta, do piloto que só queria arranjar o avião, e, do empresário que só pensava em dinheiro.

Com esta peça de teatro aprendi que o dinheiro não é tudo, que podemos ser bonitos por fora mas feios por dentro e que o mais importante é a amizade!” **Leonardo Silva**

“A meu ver o teatro foi fantástico! A minha parte preferida foi quando o príncipezinho viajou para os planetas, eu gostei do acendedor do lampião, os mais engraçados foram o bêbado e o vaidoso que se achava o mais belo do planeta. O fim foi lindo porque a raposa falou do significado de criar laços entre as pessoas. Com esta história aprendi a importância de criar laços com os outros, foi especial, tocou-me o coração!” **Daniela**

“Na minha opinião eu gostei da parte em que o príncipezinho conheceu a raposa porque falava de cativar uma pessoa, gostei da parte em que o príncipezinho estava a falar com a sua flor porque dizia que ela era a única no mundo, e, gostei da parte do vaidoso, porque pensava que era o melhor do mundo.” **Luana**

Finalmente, PARABÉNS aos atores.



Proporcionaram-nos momentos magníficos de diversão mas também de reflexão!

E foi assim a nossa visita de estudo ao teatro Garrett.

Aprendemos muito: a apreciar a paisagem e ver que temos “coisas” belas que às vezes nos passam despercebidas; a ver as como a cidade já se está a preparar para receber o Natal; a sentir a areia morna nos dedos o que nos aconchega num dia de sol de outono; a comer junto à praia sem poluir o espaço; a respeitar os hábitos das gaivotas; a aplaudir o nosso herói “Cego do Maio”; a entrar ordeiramente no teatro, respeitando o espaço e os outros... e “at last but not least” aprendemos a AMIZADE e a “CATIVAR”.

EB Teso, outubro de 2018